

Correio das Artes

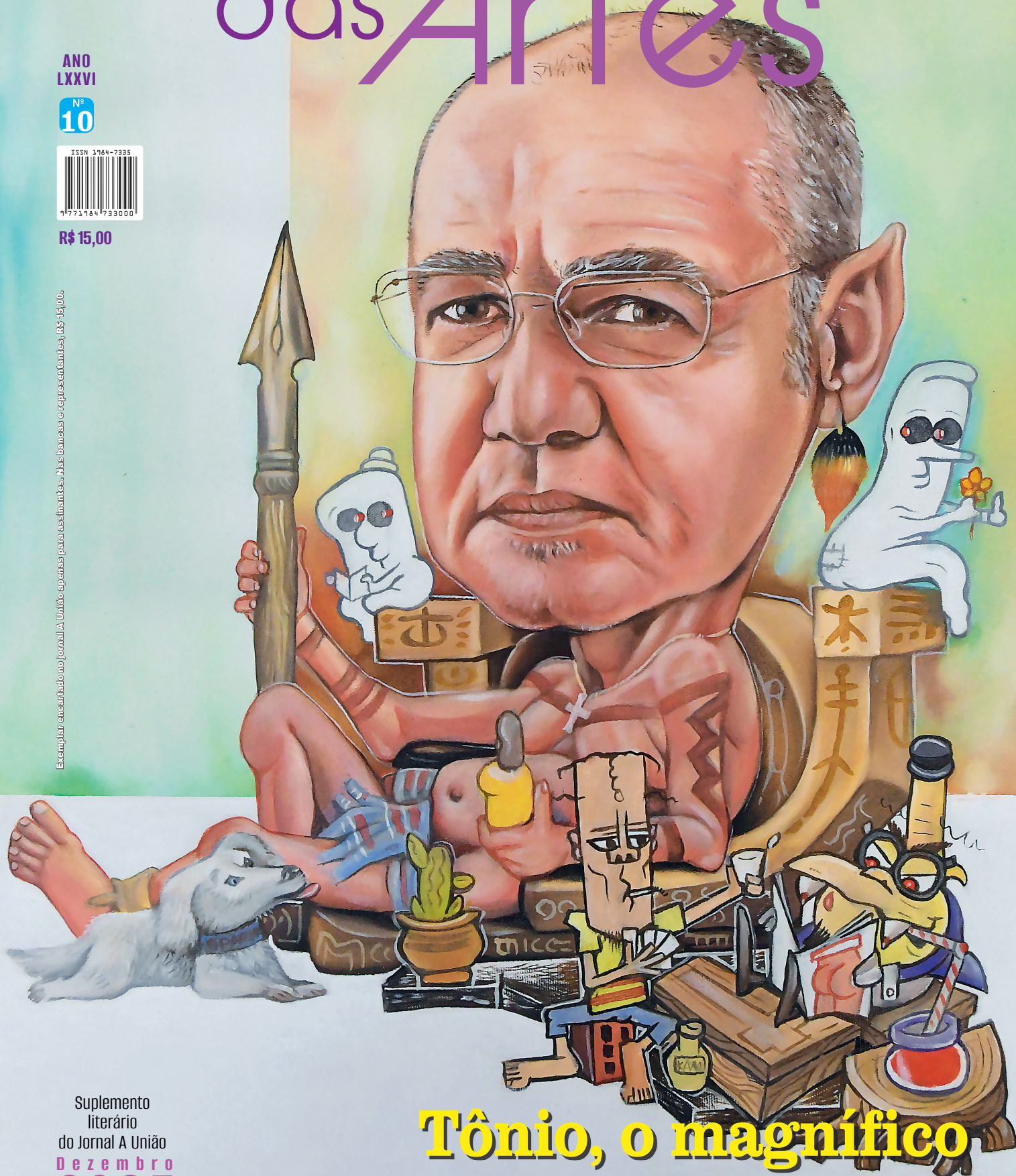
ANO
LXXVI

Nº
10



R\$ 15,00

Exemplar encartado no Jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 15,00.



Suplemento
literário
do Jornal A União
Dezembro
2025

Tônio, o magnífico

Com o dom que precede a palavra, paraibano completa 50 anos de trajetória artística dedicados ao Jornal A União, livros e suplementos

**NOTÍCIA COM FONTE,
FATO COM PROVA,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.**

**CORREIO DAS ARTES
COM REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



A UNIÃO



Ano CXXXII Número 033 | R\$ 3,00



João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 12 de março de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br |    @jornalauniao

CONEXÃO EUROPA

Potencial econômico da Paraíba é apresentado para 150 países

do Fórum de Turismo que está sendo realizado em Lisboa. *Página*

Presidente da

**ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA
MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO
LITERÁRIO DA PARAÍBA.**

83 99117-7042

“Seu Tônio, por que as orelhas pontudas?”, indaguei para o personagem da capa deste fim de ano do *Correio das Artes*, quando ele entregou o autorretrato que adorna a capa desta edição. “Porque é um elfo e eu quero ser imortal”, respondeu prontamente Antônio Gonçalves de Sá, com uma fala tão mansa e calma que parece prostrada em uma posição de ioga.

Antes de mais nada, não pense que seja soberba do seu Tônio: como dirá sabiamente o jornalista William Costa, diretor de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), “a humildade é a base de sua filosofia de vida”.

Foi assim que ele construiu toda uma vasta experiência que vemos corriqueiramente nestas páginas do suplemento literário, no jornal *A União*, nos livros da Editora A União e por outros cantos artísticos onde a qualidade prima.

Neste mês é celebrado meio século dedicado ao processo artístico “no braço”, no autodidatismo que teve a exponenciação pela pesquisa e pela leitura de quadrinhos, livros ilustrados, enciclopédias e diversas outras fontes impressas, todos catados entre os dedos e com o aroma impresso na memória. Entre tiras, ilustrações, caricaturas, retratos e diversos outros gêneros, Tônio se fez um grande artista, digno de todos os elogios possíveis.

Com a simplicidade até no seu nome artístico, Tônio não é dono de um estilo “simplista”. Inquieto, ele passeia por várias técnicas e escolas, desafiando a si mesmo e aos olhos de quem aprecia as suas obras.

Por isso, entre um murmúrio dócil de sua fala e uma pincelada ou um tracejado poderoso de seu Tônio, considere esta edição como um grito, a plenos pulmões, de como esse artista que a Paraíba pariu é simplesmente magnífico, cuja obra viverá para sempre, como o melhor dos elfos.

POESIA 22

Hildeberto Barbosa Filho analisa a trilogia poética produzida por Gemy Cândido (1943-2023)

MÚSICA 26

As ficções do Nordeste da cantora e compositora potiguar Juliana Linhares

ENSAIO 30

Entre tubos, aéreos e até em terra firme, as lentes de Matheus dos Reis mostram o mundo do surfe

CINEMA 46

Clássico absoluto da Sétima Arte, “O encouraçado Potemkin”, de Sergei Eisenstein, completa 100 anos

ANÁLISE 50

“Toda poeira da calçada” é a estreia do escritor Ricardo Ramos Filho na área do romance

ATITUDE 54

Na luta pela vida das mulheres, todas as armas são boas, como a poesia marginal e a cultura hip-hop



SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Tônio
Arte da capa

Tônio e Bruno Chiossi
Ilustrações

Esmejoano Lincol
Revisão textual

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br



Tônio:

o dom precede a palavra

Artista celebra 50 anos de carreira em A União

Alexsandra Tavares

alexandrajornalista@gmail.com

O usual comedido nos gestos e na fala de Antônio Gonçalves de Sá contrapõe-se à extravagância do talento desse artista visual, mais conhecido por Tônio. Se no comportamento ele é reservado e tímido, é na arte que ele agiganta-se, encontrando nela sua maior forma de expressão. Uma parcela considerável do acervo do paraibano está registrada no Jornal **A União**, da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), e em seus suplementos, pois dos 73 anos de vida do santa-ritense, 50 são dedicados às atividades do periódico estatal, onde ingressou em 1975.

No decorrer do tempo, o paraibano autodidata ampliou seus horizontes por meio de leituras, pesquisas e o labor do faz e refaz de quem busca a perfeição. Atualmente, Tônio tem no currículo experiências de caricaturista, ilustrador, desenhista e artista plástico, bem como a admiração de personalidades da cultura paraibana, a exemplo do escritor e ator Waldemar Solha, o cronista Gonzaga Rodrigues e o artista plástico Flávio Tavares.

As inquietações, os desejos e as fantasias de Tônio são representados em cores e formas que dão vida à vasta produção que reuniu no decorrer da carreira. Sua imaginação passeia por figuras míticas como centauros e elfos; elementos rurais, a exemplo de carros de boi e pastos verdejantes; mulheres e homens de origens indígenas, até personagens nordestinos como cangaceiros.

Os desenhos perpetuam-se nos traços do artista, ora em harmoniosas paletas de cores, ora em preto e branco. Sua obra já chamou a atenção de renomados artistas visuais, como Ziraldo e

Henfil, mas a modéstia do paraibano não o remete a tamanho reconhecimento.

De acordo com o jornalista William Costa, diretor de Mídia Impressa da EPC, Tônio poderia ser um “artista arrogante e pretensioso”, seduzido pela enorme destreza artística que possui. “Muito pelo contrário, a humildade é a base de sua filosofia de vida. Contenta-se com o talento que Deus lhe deu, e procura dividir essa graça com as pessoas, na maioria das vezes não sendo recompensado com justiça, no que diz respeito à venda de suas telas e desenhos”.

Esse é Tônio, um ser pacato e modesto. Se tivesse seguido o estrelato mundo afora, como algumas vezes o destino lhe acenou, talvez tivesse desconfigurado a sua alma quase franciscana. Será que tamanha revolução no modo de vida não impactaria a sua áurea criativa? São questionamentos que nos levam a refletir e pensar no que diz a canção: “Somos quem podemos ser / Sonhos que podemos ter”.

Tudo leva a crer que os holofotes do universo cultural não fazem parte da realidade desse artista de olhar que mira além do palpável. “Tônio é uma dessas pessoas que nos fazem acreditar na humanidade, principalmente em um tempo de desesperança, como este em que vivemos”, enfocou William Costa.

No alto dos seus 73 anos de idade, Tônio dedicou meio século para aprimorar seus conhecimentos como caricaturista, desenhista, ilustrador e artista plástico

Início de tudo

Desde criança, o paraibano já apresentava tendência para a arte. Ao lado do irmão mais velho, José Gonçalves (já falecido) dedicava parte do dia para transpor para o papel protagonistas dos filmes de faroeste que assistiam no pequeno Cinema Santa Cruz, no município de Santa Rita, onde nascera. “Meu irmão mais velho gostava de desenhar Durango Kid, personagens de ‘bang-bang’, e eu ficava admirando. Era o passatempo dele que, de certa forma, me estimulou. Mas, José seguiu por outro caminho, tornou-se coronel da polícia. Já eu, desenho até hoje”, contou Tônio.

Na escolinha particular de Dona Tequinha, onde foi alfabetizado na cidade natal, o dom do menino desenhista chamou a atenção da professora, que o pagou para ilustrar as capas das provas dos alunos no fim do ano letivo. Praticamente, todo o dinheiro que ele recebia era investido nas histórias em quadrinhos, fonte de leitura e também laboratório para o seu traço. Dentre os gibis preferidos estavam *A Turma do Pererê*, de Ziraldo, e as histórias de Tarzan.

Homem nu

O primeiro desenho que Tônio expôs foi a de um homem nu, quando ele tinha por volta de 20 anos. Ele participou de um concurso de artes promovido pela associação de cultura de Santa Rita, que teve como um dos organizadores o artista visual Raul Córdula. Com a figura anatômica de um homem totalmente despido, Tônio conquistou o primeiro lugar na categoria Desenho.

Parece contraditório, mas a figura de um ser humano es-

Foto: Carlos Rodrigo



Acima, o primeiro desenho que Tônio expôs, quando ele tinha por volta de 20 anos, que ganhou um “tapa-sexo de papel” para ser exibido numa igreja; ao lado, o “pai” da Turma da Mônica, Mauricio de Sousa, que montava uma equipe na época em que Tônio estava pelo sul do país, mas o paraibano decidiu voltar para casa

“Esse homem nu fez um sucesso tão grande(...) Mas teve um problema. As pessoas que iam ver, levantavam a folhinha para olhar o que tinha embaixo e o padre proibiu. Colocou uma pessoa ao lado do desenho, vigiando”

belto, de pé, totalmente sem roupa foi exposto na Igreja Matriz da cidade, que reuniu os talentos inscritos na associação. As criações ficaram expostas alguns dias para visitação pública.

Por uma questão de pudor, Tônio resolveu fazer uma espécie de “tapa-sexo de papel” no homem que desenhara, que foi apresentado aos visitantes com esse adereço em formato de folha, tal qual as tradicionais imagens bíblicas de Adão. “Esse homem nu fez um sucesso tão grande, até ganhei uns trocados porque foi escolhido como melhor desenho do concurso. Mas teve um problema. As pessoas que iam ver, levantavam a folhinha para olhar o que tinha embaixo e o padre proibiu. Colocou uma pessoa ao lado do desenho, vigiando”, relembrou Tônio, aos risos.

Tudo é como deve ser

Um fato curioso na trajetória do paraibano é que a vida lhe ofereceu algumas possibilidades para ele alçar voos mais altos e distante de Santa Rita. No entanto, Tônio optou por manter-se próximo do lugar onde nascera. Quem via a produção do artista, rapidamente lhe inferia um potencial para grandes projetos e não foram raras as vezes que ele foi orientado e até convidado a ingressar por caminhos audaciosos, mas tudo ficou no campo das ideias.

Uma dessas experiências ocorreu nas primeiras andanças de Tônio em busca de oportunidade para publicar seus desenhos. Ainda bem jovem, antes de atuar no jornal *A União*, ele saiu da Paraíba rumo a São Paulo. Hospedou-se na casa de amigos e foi apresentar seu trabalho a um japonês que montara uma equipe e começava a empreender na área. “Mostrei meus bonequinhos, uns personagens bem bonitinhos que tinha criado. Ele gostou muito, mas disse que estava começando o negócio e não tinha como me ajudar naquele momento”, contou. Porém, percebendo o dom do santa-ritense, o empreendedor paulista deu-lhe um conselho: “Vá ao Rio de Janeiro, Tônio, porque lá tem um cara que está montando a equipe de desenhistas e você pode fazer parte do grupo”.

Tônio, contudo, optou por voltar para casa, mas até hoje reflete sobre a decisão que tomara. “Sabe quem era que estava montando uma equipe no Rio? Nada menos do que Mauricio de Sousa, que já tinha nome, mas estava no início da carreira”, confessou o paraibano. Assim, lá se foi a chance de se aproximar de um dos prin-

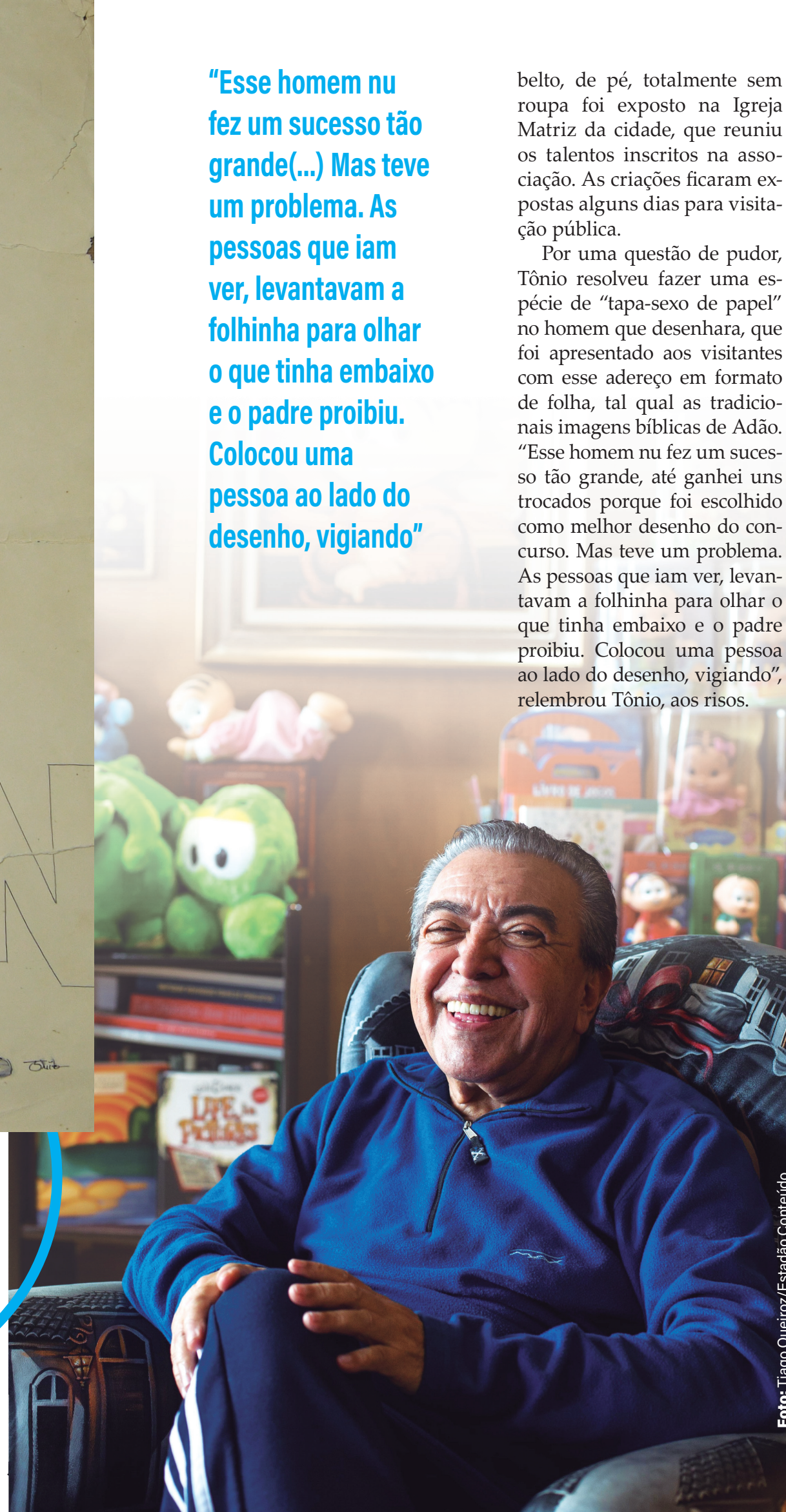


Foto: Tiago Queiroz/Estadão Conteúdo

cipais cartunistas brasileiros, criador de centenas de personagens, em especial a Turma da Mônica.

Chegando à Paraíba, Tônio empregou-se na Interplan Gráfica e Editora, incentivado por um amigo do colegial, Flávio, que trabalhava na gráfica e também gostava de desenho. Os dois estudaram em uma escola pública e tinham muita afinidade por causa do gosto pelas revistas em quadrinhos e pelas artes visuais.

Na Interplan, porém, não demorou muito para o responsável pelo setor de artes da empresa, Marcos Tenório, que também realizava trabalhos para **A União**, indicar Tônio, até então artista gráfico, para o periódico estatal. A ideia era que o jovem desenhista pudesse expandir as aptidões artísticas.

“Um profissional talentoso”, resumiu Nilton Tavares Vieira, gerente executivo de produção gráfica da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), sobre Tônio, que ele conhece desde a década de 1970

Assim, no final de 1975, com apenas 22 anos de idade, Tônio iniciou a trajetória no Jornal **A União**, que integra a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), em João Pessoa. Inserido no departamento de artes do centenário veículo estatal, ele fazia paginação, capa de livros, ilustrações e caricaturas para o jornal e os seus suplementos, como o *Correio das Artes*.

Durante a jornada, manteve contato com outros artistas visuais que também passaram pelo setor, a

exemplo de Chico Pereira e Fred Svendsen. “Esses e outros artistas trabalharam com a gente. Tônio sempre foi desse jeito, calado, na dele, mas uma pessoa muito boa e um profissional talentoso”, contou Nilton Tavares Vieira, que conheceu o santa-ritense em 1976, quando ingressou no jornal. Atualmente, ele é o gerente executivo de produção gráfica da EPC.

Durante o tempo que trabalharam juntos, os dois compartilharam inúmeras experiências, mas uma delas tem um misto de humor e drama. Em plena Ditadura Militar, Nilton contou que chegou ao jornal o pedido para se fazer uma nova impressão, bem pomposa, do livro seminal do paraibano José Américo de Almeida: *A Paraíba e os seus problemas*, cujo lançamento original data do início do século 20.

A solicitação veio diretamente do filho de José Américo, o general Reynaldo Almeida, ou seja, um militar de alta patente. Considerando que vivia-se, no final dos anos de 1970, um período de repressão, estava instalada a tensão no setor de artes de **A União**. “O pedido era para fazer uma coisa bem bacana, uma impressão com capa dura, com acabamento primoroso. Era uma homenagem que o general queria fazer ao pai, José Américo, antes que ele morresse. Isso foi por volta de 1979, na Ditadura Militar e vindo de uma pessoa tão importante, você não imagina a pressão que era”, contou Nilton Tavares.

Quem ficou com a missão de fazer a montagem e a paginação da obra foi Tônio, uma tarefa que exigia bastante cuidado já que, naquela época, esse trabalho era todo feito de forma manual. Ao saber da grande incumbência do jovem funcionário, os colegas de trabalho não pensaram duas vezes, começaram a amedrontá-lo.

“A gente passava por ele e dizia: ‘O general vai te prender. Essa é a última semana que vamos te ver por aqui’. Mesmo com aquela calma, percebíamos que Tônio ficava preocupado e, quando saíamos para tomar uma cerveja, ele dizia: ‘Será que o general vai me prender mesmo?’, e todo mundo caía na risada”, contou Nilton Tavares. No fim das contas, tudo transcorreu perfeitamente. “O general gostou muito e saiu agradecido”.

Brincadeiras à parte, o gerente executivo de produção gráfica da EPC ressaltou a dedica-

Foto: Edson Matos/Arquivo A União

ção de Tônio em tudo que faz e, apesar do grande talento que ele tem nas artes visuais, apontou que faltou ousadia e um maior contato com as novas tecnologias, pois não é novidade que o artista não se familiarizou com as ferramentas digitais, preferindo o contato com o pincel e o lápis. “Ele era para estar em outro patamar, a gente aconselhava, dizia para ele mexer mais nos programas do computador como Photoshop, mas ele nunca se identificou”, afirmou Nilton Tavares Vieira.

A preferência de Tônio pela forma tradicional da pintura e do desenho, sem o uso dos equipamentos digitais, divide opiniões. Se para uns essa familiaridade seria necessária para impulsionar mais a carreira do paraibano, o artista plástico Flávio Tavares já enxerga como algo da personalidade do artista.

Ele afirmou que, atualmente, não é difícil encon-

Também da velha guarda, o renomado artista plástico paraibano Flávio Tavares (acima) enxerga a preferência de Tônio pela forma tradicional da pintura e do desenho, sem o uso dos equipamentos digitais, como algo da personalidade do profissional

trar profissionais dominando cada vez mais as ferramentas tecnológicas nas artes visuais, o que é bastante válido para as inúmeras demandas do mercado. Por outro lado, não é comum ver jovens talentosos utilizando a forma tradicional do desenho e da pintura. “Artistas como Tônio, assim como eu, são da velha guarda. Acho que se torna difícil um legado do entendimento gráfico da gente, que é manual”, comentou Flávio Tavares.

Foto: Leonardo Ariel



Foto: Evandro Pereira

“Dependentes” do paraibano

Um dos jornalistas veteranos na Paraíba que presenciou o começo da jornada de Tônio em **A União** foi o jornalista e cronista Gonzaga Rodrigues. “Conheci Tônio entre 1976 e 1977, na gestão de José Souto, Barreto Neto e Murilo Sena, uma das mais operosas em sua programação editorial. O livro paraibano, até ali, só contara com dois ilustradores invariavelmente solicitados: Arnaldo Tavares e Elcir Dias, ambos absorvidos por outras atividades principais”, declarou.

Nessa época, Gonzaga resolveu visitar a equipe do departamento de artes que retomava as atividades na sede que acabara de ser transferida para o Distrito Industrial. Foi nesse momento que ele deparou-se com um funcionário quieto, absorto no trabalho que exercia, com rosto de garoto. “Dou com um rapaz

de cabelos curtos, rosto de menino, completamente abstraído nuns carneirinhos risonhos e felizes que o grafite ia liberando com os poderes de Deus no branco do papel”.

Segundo Gonzaga, ao adentrar no setor, tinham lhe anunciado como um editor de jornais, pessoa do ramo, parceiro de Milton Nóbrega, amigo próximo de Tônio. Mesmo assim, o artista paraibano não desviou a atenção e continuou trabalhando. “Ele nem ouviu, nem tirou os olhos do que fazia. Continuou com seu rosto de anjo a bater as asas que a imaginação ia tocando por aquele bico de pena, que em mão comum nem seria notado”.

Mesmo passando despercebido, Gonzaga Rodrigues não desistiu de manter contato com o desenhista. Noutra investida, foi direto ao ponto, aproximou-se da prancha de Tônio e solicitou que ele fizesse algumas figuras para o livro *Notas do meu lugar*, que acabara de escrever. A intenção, segundo o cronista,

Cronista e jornalista Gonzaga Rodrigues foi um dos que ingressou na relação dos dependentes de Tônio, “das figurações que a vida imprime cumulativamente dentro de nós e que, só por arte dos ‘Tônios’, delas nos libertamos”

era humanizar a capa, até então totalmente tipográfica.

O pedido foi concretizado. “A partir daí, ingressei na relação dos dependentes de Tônio. Dependentes do fazimento gráfico e das imagens, das figurações que a vida imprime cumulativamente dentro de nós e que, só por arte dos ‘Tônios’, delas nos libertamos”.

Quem tinha a oportunidade de ter impressa na capa do livro uma arte de Tônio, não escondia a satisfação em ter esse trabalho diferenciado. Uma dessas capas chegou, inclusive, à apreciação de outro importante cartunista mineiro, o saudoso Ziraldo Alves Pinto, ou apenas Ziraldo (1932–2024).

“Fiz uma capa para o livro *Cantiga de Ninar*, de Anco Márcio. Ele tinha contatos no Rio de Janeiro e mostrou a capa do livro a Ziraldo, autor de *O Menino Maluquinho*. Posteriormente, quando foi ao jornal, me disse: ‘Tônio, mostrei o desenho que você fez na capa do livro a Ziraldo. Sabe o que ele disse? Que você era para estar lá com ele’”, lembrou Tônio.

Segundo ele, o interesse dos artistas visuais do país pelo seu trabalho não parou por aí. O cartunista Jaguar (1932–2025), fundador de *O Pasquim*, bem como o cartunista Henfil (1944–1988) também se interessaram em ver seus desenhos na década de 1970, mas o paraibano não os enviou para o Rio de Janeiro.



No Rio de Janeiro, depois de ter visto a arte de Tônio em uma capa, o cartunista Ziraldo disse que o paraibano era para estar lá com ele

Foto: Fábio Motta/Estadão Conteúdo

O artista gráfico e publicitário Milton Nóbrega, um dos fundadores da agência Oficina de Propaganda, na Paraíba, também insistiu para que Tônio fizesse parte da equipe dele, quando este montou o empreendimento na década de 1980. Apesar de ser muito amigo de Milton, Tônio disse que não aceitou, preferiu trabalhar com outro amigo que tinha um pequeno negócio voltado às artes visuais. “Acho que não me achava preparado para trabalhar na Oficina de Propaganda, sei lá. Quando Milton soube que eu tinha ido trabalhar em outro lugar, me telefonou com muita raiva, mas depois passou”, afirmou.

Idas e vindas

Ao ingressar em 1975 no Jornal **A União**, Tônio adquiriu experiências como ilustrador, caricaturista, pintor e, além de atuar nas páginas do periódico, também registrou seu trabalho em suplementos como o infantil *O Pirralho* e o literário *Correio das Artes*. Saiu do veículo estatal algumas vezes, mas sempre retornou, onde permanece até hoje desenvolvendo a sua arte.

Amigo de Tônio há mais de três décadas, o jornalista William Costa soube destacar a longa ligação do paraibano com o departamento de artes do veículo centenário. “Se for feita uma pesquisa minuciosa

da produção editorial direta e indireta de **A União**, ao longo dos últimos 50 anos, com certeza causarão espanto a quantidade, a diversidade e, acima de tudo, a qualidade das intervenções artísticas de Tônio”, declarou.

O registro da arte do paraibano pode ser visto em diversos materiais produzidos na EPC. Segundo William Costa, está na ilustração do jornal e seus suplementos, nos livros e revistas impressos na gráfica, no selo da Editora A União ou mesmo nos trabalhos encomendados por terceiros. “É um acervo fantástico”, enfocou o diretor de Mídia Impressa da EPC.

Personagens

Dentre os talentos de Tônio, está a aptidão para criar tiras, o que é compreensível para um amante dos quadrinhos. Assim, surgiram os personagens O Conde, Angie, Zé Meiotá e os fantasminhas Jafoi e Jaera. As primeiras criações foram Angie — uma menininha meiga publicada nos anos de 1970 no *Caderno Feminino*, de **A União**, — e O Conde, que veio a público no mesmo período.

Entre mortes e ressurreições do personagem, o milenar vampiro ainda está vivo e, assim como

Jafoi e Jaera, ainda pode ser visto, aos domingos, no jornal, no caderno *Almanaque*. Zé Meiotá foi publicado mais recentemente, mas deixou de ser veiculado.

“Como eu gosto muito de gíbi, inventei os primeiros personagens. Depois, conheci o trabalho de um cara que admiro muito, Angeli, de São Paulo. Ele é criador da Rê Bordosa, e isso me inspirou ainda mais”, contou Tônio.

O Conde é o personagem mais antigo do paraibano. Ele foi moldado com a ajuda de Marcos Tenório, que trabalhou com Tônio

na Interplan e em **A União**. No livro *A incrível História dos Quadrinhos — 20 anos de HQ da Paraíba*, o autor da obra, o professor Henrique Magalhães, ressaltou a importância dessa criação, dizendo que “Tônio e Tenório conseguiram transgredir o natural e, através do sobrenatural, manejar com sutileza o humor a ponto de desencadear o riso”.

A afirmação sobre O Conde é perfeitamente adequada, já que trata-se de um vampiro baixinho e desajeitado, o inverso da monstruosidade vista em espécimes semelhantes da ficção como Drácula. Nas tiras, o personagem geralmente passa por situações vexatórias, já que não consegue sugar o sangue das vítimas.

Imagens: Tônio/Arquivo A União



William Costa, diretor de Mídia Impressa da EPC, afirma que a humildade é a base da filosofia de vida de Tônio; acima, duas tiras assinadas pelo santa-ritense: Jafoi e Jaera (com roteiro de Jorge Rezende) e O Conde

Foto: Evandro Pereira



Arte revelada em preto e branco

Desenhos feitos com a técnica bico de pena são os preferidos de Tônio. “Porque é no desenho em branco e preto que o artista mostra que sabe fazer”, justificou. Os traços escuros, conforme o talento do artista, contornam, dão volume, sombra e movimento a pessoas, bichos, paisagens e tudo mais que a imaginação mandar.

É com imagens criadas a bico de pena que Tônio pretende lançar um álbum, em parceria com William Costa. “A ideia é formar um álbum com desenhos meus em preto e branco, e textos de William. No próximo ano, se Deus quiser, a gente faz”, planeja o artista visual.

Segundo o diretor de Mídia Impressa da EPC, é nesta arte que se consegue perceber o talento do desenhista, uma vez que, na paleta colorida, tudo fica mais atrativo por conta da sedução das cores. “Tem tanta gente que nem desenha direito, mas consegue trabalhar com pinturas coloridas. Mas, quero ver no traço branco e preto, só com o nanquim, aí sim, tem de saber mesmo. Flávio Tavares é um dos artistas que trabalha muito bem com bico de pena”, comentou.

O projeto prevê a publicação de 12 desenhos, mas pode haver mudanças até a finalização do trabalho que ainda não tem previsão de quando será concretizado. Oito figuras já estão prontas e estão guardadas no ateliê do paraibano, um espaço reservado na casa onde mora, no bairro do Sesi, em Bayeux.

A equipe de reportagem do *Correio das Artes* teve a oportu-

nidade de conhecer esse ambiente e ter acesso aos originais do futuro álbum. Na idealização dos desenhos, o artista representou no papel a imagem feminina e masculina. Em todos os desenhos são vistos os dois gêneros, em figuras que passeiam pelas raízes nordestinas até a mitologia grega.

Segundo William Costa, não é de hoje que ele sonha em fazer uma parceria com Tônio, utilizando uma linguagem poética para fazer referências aos desenhos, de temática romântica, histórica, com estilo inspirado nas melhores escolas da xilogravura nordestina. Ele frisou, porém, que somente mais adiante poderá dar detalhes sobre o projeto.

O jornalista afirmou que o artista figura no seletivo grupo de seus melhores amigos. “Quando o encontro, para um bate-papo descontraído, geralmente sobre a vida e arte, é como se estivesse meditando ou numa aula de ioga. Sou apaixonado por ele. Tônio é um dos mais importantes artistas figurativos do Brasil, ao lado, por exemplo, de Flávio Tavares, Hermano José, Alexandre Filho e Luiz Tananduba — respeitando, claro, os horizontes estéticos de cada um”, declarou.

William Costa declarou que a arte do amigo consegue tocar profundamente a sua alma e a consciência, pois o universo mítico do artista tem uma forte sintonia com a realidade, por meio de simbologias figurativas que remetem à religiosidade, ao meio ambiente e ao contexto social, neste último caso, do campo; das paisagens natural e humana que marcaram a infância do pintor e desenhista quando este era um garoto pobre, na zona canavieira paraibana.

Uma das 12 imagens produzidas a bico de pena que Tônio pretende lançar com textos assinados pelo jornalista William Costa



Foto: Carlos Rodrigo



Foto: Edson Matos/Arquivo A União

Jornalista, escritor e diácono, José Nunes (acima) está preparando um perfil biográfico sobre o Tônio, cuja previsão de lançamento será para o próximo ano; ao lado, mais um exemplo eclético de estilos do ilustrador, voltado para a escola "naïf"

Homenagem

Tem mais obra relacionada a Tônio em vista. Porém, a que o jornalista, escritor e diácono, José Nunes, está preparando é uma homenagem, mais precisamente um perfil biográfico sobre o santa-ritense. Parte dos escritos está pronta e a previsão é que o lançamento ocorra no próximo ano.

De acordo com Nunes, os dois se conheceram em 1979, no jornal **A União**, e desde então ele acompanha a trajetória do amigo. "Acho que ele é um dos melhores ilustradores da Paraíba, mas é muito calado e modesto", frisou Nunes.

O perfil biográfico irá mostrar a trajetória do artista visual, desde a vida de criança, as amizades firmadas ao longo do tempo, as atividades realizadas no campo da arte e a evolução dele como profissional. Para o autor, Tônio merece uma homenagem que mostre o quão ele é grande. "Sempre calado e tímido, Tônio é um artista do silêncio, de um imenso potencial e essa obra será uma homenagem à arte dele", completou Nunes.

Mistura de tudo

Quem acompanha a trajetória do artista visual percebe a liberdade com que ele insere na sua produção elementos de vários movimentos artísticos, seja o abstracionismo, surrealismo, a escola *naïf* e outras que ele pesquisa e se afeiçoou na jornada de profissional autodidata. Ele iniciou a vida de desenhista observando os traços dos antigos criadores das histórias em quadrinhos, como o cartunista Ziraldo, e os grandes mestres da pintura euro-



Foto: Carlos Rodrigo

peia a exemplo de Pablo Picasso e Leonardo da Vinci.

"Gosto muito do trabalho de Picasso, Portinari, Di Cavalcanti... tenho um livro sobre ele e fico admirando, praticando. Também acho arretado o traço de Ziraldo, aquele traço meio quadrado, acho que sou uma mistura de tudo isso, não faço parte de nenhum movimento ou escola. Hoje, estou na fase do cordel, aquele desenho que parece xilogravura, sem muita anatomia. Tem influência da arte *naïf*, bem geométrico", comentou o paraibano.

"Ele é um pintor figurativo, com técnica refinada, tanto no que diz respeito à forma quanto à paleta de cores que utiliza", definiu William Costa. Para ele, uma das fontes estéticas em que Tônio se banha é a xilogravura nordestina, sem esquecer as lições modernistas, tanto brasileiras quanto europeias.

De acordo com o jornalista, é possível que alguém confunda Tônio com um artista da escola *naïf* ou primitiva, mas é um engano. "Ele é um excelente desenhista, mas seu traço não destoa da pintura em si. Ou seja, ele não procede a um simples preenchimento das figuras com cores, nas quais predominam os tons vegetais e terrosos, por exemplo. As linhas pretas e as cores que dão volume às formas estão em perfeito equilíbrio. São pinturas e desenhos que demandam a contemplação do espectador pelo conjunto da obra", explicou William Costa.

Traço impecável

A produção de Tônio é tão marcante que, nos primeiros anos em que estava em **A União**, atíçou a curiosidade do artista plástico Flávio Tavares. Os dois não se conhe-

Ilustração interna para o "Correio das Artes", do mês de outubro de 2011, retratando o multiartista paulista radicado na Paraíba, Waldemar José Solha, com vários braços, como a deusa Shiva

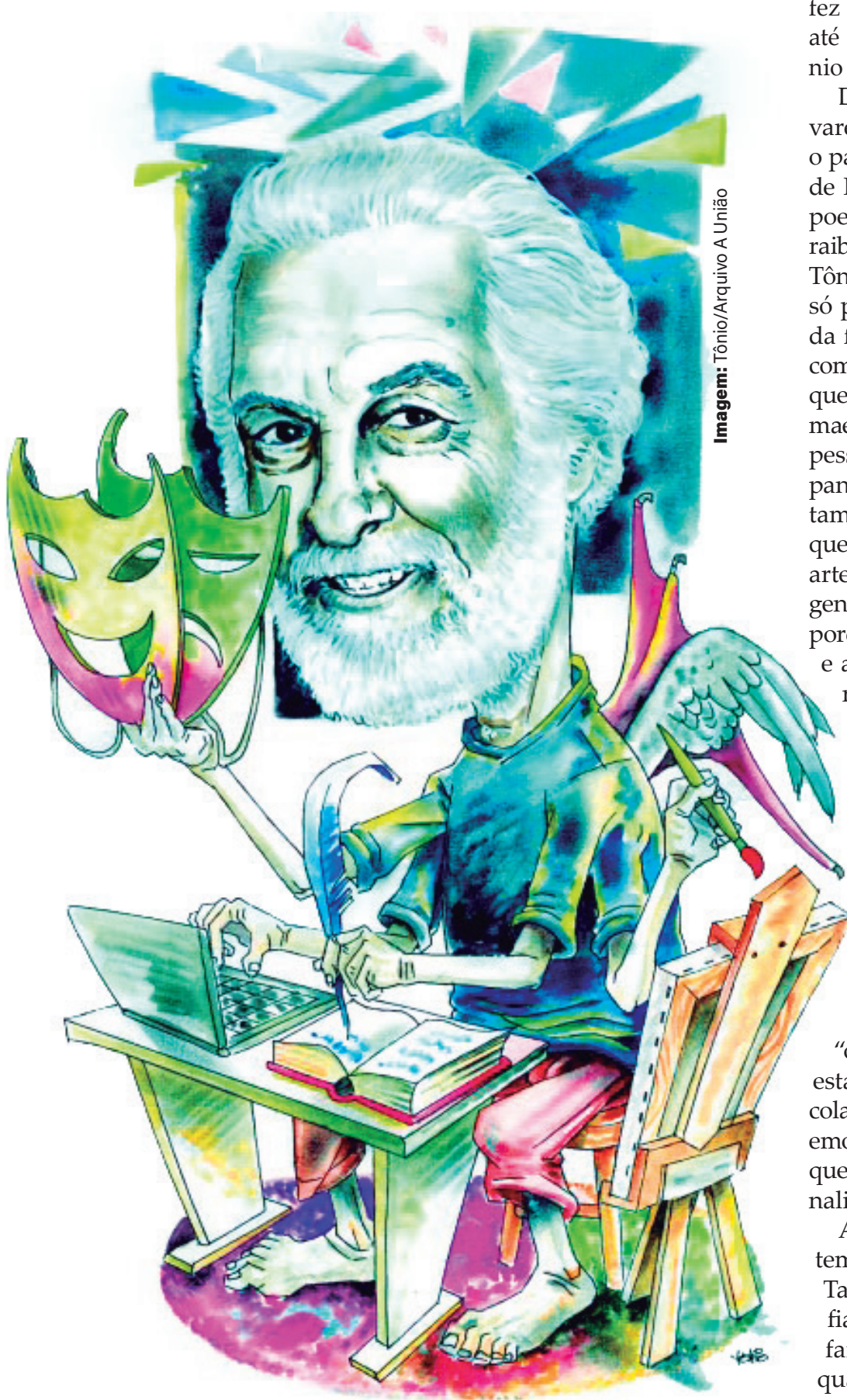


Imagem: Tônio/Arquivo A União

ciam pessoalmente na época, mas o talento do desenhista que Flávio acompanhara de longe, pelas páginas do jornal, fez com que ele se deslocasse até o local de trabalho de Tônio para conhecê-lo.

De acordo com Flávio Tavares, o primeiro contato com o paraibano ocorreu por meio de Milton Nóbrega, outro expoente das artes visuais paraibano, e amigo pessoal de Tônio. "Fui ao jornal uma vez só para conhecê-lo, por causa da façanha dele em trabalhar com uma arte muito difícil, que é a caricatura. Tônio tem a maestria de captar a alma das pessoas na caricatura. Acompanhei muitas ilustrações dele também em capas de livro, que sempre foi muito ligado à arte gráfica. Na minha casa, a gente já tinha essa admiração porque é muito difícil ilustrar e ao mesmo tempo fazer caricatura, que é uma outra vertente. Poucos mestres na Paraíba faziam isso. Tônio tem o traço impecável, marcado pelo seu estilo particular", frisou o artista.

Para Flávio Tavares, não é possível "encaixar" o artista em alguma escola ou movimento artístico porque "o tempo de Tônio não está na época de qualquer escola de arte, mas é o tempo da emoção, da expressão gráfica, que está ligada à forte personalidade" do artista.

A produção do paraibano tem identidade ou, como diz Tavares, a própria "caligrafia", uma vez que ninguém fará nada igual a ele, tal qual um pássaro cujas curvas sinuosas do voo não poderão ser repetidas por outra ave. Nessa comparação, Flávio explicou que quando um

artista libera a criatividade na feitura de um desenho, a mão se solta no papel e só termina quando a mente decide que concluiu, ou seja, alcançou seu objetivo.

Muitas vezes, nem o autor consegue repetir o mesmo desenho, porque o momento da criação tem uma parcela do acaso. "Tônio monta esses elementos com os cânones dele, com a maestria dele. Isso ocorre muito na música, quando uma canção de Noel Rosa, Sivuca, Jackson do Pandeiro, Martinho da Vila dá os primeiros acordes, você já sabe que é ele. E com Tônio também é assim".

Dentre as inúmeras ilustrações e caricaturas que o paraibano já fez, tanto para o jornal **A União**, quanto para os suplementos da EPC, estão expoentes da literatura, artes visuais, música e cinema. Uma dessas pessoas não esconde a satisfação de ter visto um desenho do

próprio rosto sob a perspectiva do artista paraibano.

"Muito bom ver o Tônio, de repente, capa do *Correio das Artes*, que ele vem enriquecendo com suas ilustríssimas ilustrações há tantos anos. Um exemplo de sua criatividade, bem marcante para mim: fui capa do *Correio*, em 2011", comentou o escritor, poeta, ator e artista plástico Waldemar José Solha.

Sobre a arte que Tônio criou para o *Correio das Artes*, simbolizando o homem multifacetado que Solha é, descreveu: "Lá estava, na página 13, a versão dele a meu respeito, eu retratado com vários braços, como Shiva, uma das mãos segurando as máscaras da comédia e tragédia — pelo meu teatro —, uma outra pintando, a terceira digitando, a quarta também escrevendo, mas com uma

De acordo com Flávio Tavares, trabalhar com a caricatura é muito difícil. "Tônio tem a maestria de captar a alma das pessoas na caricatura. (...) Tônio tem o traço impecável, marcado pelo seu estilo particular"



Fotos: Carlos Rodrigo

Da esq. para a dir.: caricaturas do escritor, poeta, ator e artista plástico W. J. Solha, do "rei" do futebol, Pelé, e do cantor e compositor paraibano Chico César

pena, como faria meu venerado William Shakespeare ao produzir um poema. E lá vem o toque sutil, genial, por minhas ideias sobre a religião: um pequeno par de asas nas minhas costas: uma de anjo, outra... de demônio! Um cara desse tem de ser capa, realmente, do *Correio das Artes*”, frisou W. J. Solha.

Um pouco mais sobre o artista

Antônio Gonçalves de Sá, o Tônio, nasceu no dia 12 de junho de 1952, no município paraibano de Santa Rita, Região Metropolitana de João Pessoa. Filho de Américo Gonçalves de Sá, agricultor e comerciante, e de Lindalva Gonçalves de Sá, dona de casa (ambos falecidos), tinha quatro irmãos: Maria das Graças, Ana, Pedro e José Gonçalves (*in memoriam*).

Desde criança, ele gostava de desenhar e foi na escola, sob a admiração dos professores e colegas, que se sentiu ainda mais estimulado a desenvolver esse dom. Costumava rascunhar no quadro negro os rostos de personalidades da história do Brasil e, ainda menino, foi contratado pela professora Tequinha para ilustrar as capas das provas dos colegas da escola. Estudou até o primeiro ano científico, o que hoje equivale ao primeiro ano do Ensino Médio e logo entrou no mercado de trabalho. Autodidata, adquiriu conhecimento sobre arte lendo e pesquisando em revistas em quadrinhos, livros ilustrados, enciclopédias e diversas fontes impressas.

Participou de várias exposições como a primeira mostra coletiva da Galeria Artenossa (desenhos); Exposição *Todas as Cores*, no Espaço Novo-Residência de Agrião e Creuza Pires (desenhos a bico de pena); *Rito das Cores* — Coletiva, na Galeria Shelly, Rio de Janeiro; 2ª Mostra Arte Atual Paraibana (pintura); **A União nas Artes Plásticas**; Exposição de artes na Igreja São Francisco; exposição *Conexão Paraíba*, no Casarão dos Azulejos, em João Pessoa, além de concursos de desenhos onde estava entre os primeiros colocados.

Em 1988, Tônio participou do concurso *Em Busca De Talentos Regionais*, promovido pela empresa Telpa/Listel e teve sua pintura selecionada para ser a capa da lista telefônica paraibana. A obra intitulada *Preservação ecológica* mostrava um trabalhador do campo, quase esquelético, agachado ao lado de uma árvore, cultivando uma rosa. Na apresentação do catálogo da Listel, um pequeno texto analisava a criação do paraibano. “Nesta figura, um homem tão franzino de mente tão gigantesca, ainda tem o amor pela vida, pela terra, diante de tanta seca e dificuldades financeiras, planta uma rosa em uma terra que só a natureza poderá garantir o seu futuro, mas ele ainda ama e acredita”.

Vida pessoal

Introvertido, Tônio demorou a firmar um compromisso matrimonial e só aos 50 anos de idade casou-se com a auxiliar de contabilidade Maria Elisabeth, quando ela tinha 38 anos. Nessa época, ambos moravam no município de Bayeux, onde Tônio viveu alguns anos apenas com a mãe Lindalva. Com o

falecimento dela, no início dos anos 2000, ficou sozinho. Coincidentemente, a mãe de Elisabeth também morrera apenas três meses antes de Dona Lindalva, deixando-a também solitária na casa em que residia, numa rua próxima a que Tônio morava.

Os dois se conheceram em uma comemoração da cidade. “Nos conhecemos no Caranga Fest, uma festa de rua de Bayeux. Eu estava com uma amiga e a família dele em uma tenda comendo churrasco, essas coisas que estavam vendendo. E lá, a família dele ficou incentivando: ‘Olha aquela menina, fica com ela’. Eu nem ouvi isso, depois que fiquei sabendo”, contou Elisabeth.

Tônio lembra bem desse dia e confessou que, antes de se aproximar da futura esposa, passou várias vezes em frente à tenda onde ela estava. “Até que uma amiga dela percebeu e falou: ‘Tônio, já passasse não sei quantas vezes aqui na frente, tenha vergonha e senta aí’”, lembrou, sorrindo.

A partir daí começaram a se conhecer melhor, casaram-se e estão juntos há 22 anos. O casal e o filho, Davi Tônio, de 21 anos, vivem na mesma casa onde Tônio morou com a mãe, em Bayeux.

Quando indagada sobre como é o cotidiano do marido, ela respondeu: “Ateliê, ateliê e ateliê”, reforçando que ele passa quase todo o tempo dedicado ao desenho, à pintura e às artes visuais. “Mas, desde que o conheci foi assim, calado e dedicado à arte. Já sabia que estava casando com um artista”, frisou Maria Elisabeth.

Alexsandra Tavares é jornalista, editora e redatora do Jornal **A União** e repórter do *‘Correio das Artes’*. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Há 22 anos juntos, Maria Elisabeth resume como é o cotidiano de Tônio: “Ateliê, ateliê e ateliê”



Foto: Carlos Rodrigo



Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Convivência

crítica



Gemy Cândido, poeta

Gemy Cândido (1943–2023) prestou, como poucos, vastos serviços na esfera dos estudos sociais, políticos, culturais e literários da Paraíba. Quem se der ao trabalho de consultar as páginas do *Correio das Artes*, em sua segunda fase, isto é, dos anos 70 e 80 do século passado, sob a editoria do saudoso Jurandy Moura, verá que alguns de seus ensaios, se reunidos, poderiam constituir um denso e precioso volume de suas reflexões críticas e da sua inestimável contribuição intelectual.

Com formação em História e em Filosofia da Cultura, procurou abordar os temas mais diversos no círculo das ciências sociais e políticas, sem descuidar, no entanto, da meditação analítica acerca dos assuntos da história e da crítica literárias, de que resultaram dois livros es-

Com formação em História e em Filosofia da Cultura, ele procurou abordar os temas mais diversos no círculo das ciências sociais e políticas, sem descuidar, no entanto, da meditação analítica acerca dos assuntos da história e da crítica literárias



Ilustração: Bruno Chiossi

Cândido (1943–2023) deixou algumas obras inéditas que, vindas a lume, poderiam contribuir, em especial, para o aprofundamento de uma visão histórica e crítica do microssistema literário local

senciais no âmbito dos estudos históricos e metacríticos, a saber: *Fortuna crítica de Augusto dos Anjos* (1981) e *História crítica da literatura paraibana* (1983).

Tanto no primeiro quanto no segundo, podemos constatar a presença de um analista embaçado em repertório complexo e amplo no que concerne aos fundamentos teóricos, ao mesmo tempo em que seguro e habilitado no manejo especulativo de seus respectivos objetos de estudo. Lá, as múltiplas e diferentes formas com que o “Poeta do Tamarindo” foi lido e apreciado; aqui, o senso de organização dos elementos literários que podem e devem contemplar a ordem orgânica de uma história cultural da literatura paraibana.

Do autor ainda constam de sua bibliografia duas obras publicadas, *Clóvis dos Santos Lima: um homem predestinado* (2007) e *Riachão do Banabue* (2024), atestando a variedade de seus interesses cognitivos e a versatilidade de seu talento de pesquisador e escritor.

Sabe-se que Gemy Cândido, incansável na sua atividade de estudioso paciente e desinteressado, deixou algumas obras inéditas que, vindas a lume, poderiam contribuir, em especial, para o aprofundamento de uma visão histórica e crítica do microssistema literário local.

Cito algumas delas, a título de exemplo: *Fundamentos históricos e sociais da literatura paraibana: a década dos anos vinte*, *O código da linguagem estética*, *Escorço bibliográfico da poesia paraibana* e *Dicionário Biobibliográfico da literatura paraibana*. Entre os inéditos, também aparecem alguns livros de poemas, como *Olhar da borboleta*, *Poemas de todos os tempos*, *Caminhos de pedra* e *Ritmos da vida pequena*, entre outros.

O poeta, eis uma faceta sua inteiramente desconhecida. Dela

falarei um pouco, comentando o volume que se segue, na verdade uma trilogia, intitulada *Dunas de cristal e outros poemas*, contendo os seguintes títulos: *Diluída forma*, *Sementes de aração* e *Dunas de cristal*.

A princípio, chama-me a atenção, na dicção lírica de Gemy Cândido, o aspecto técnico na composição do verso. Metro e ritmo, demarcados por correspondências sonoras, rimas, anáforas, paralelismos, entre outros recursos retóricos, garantem fluidez à linguagem poética. De outra parte, deve-se ressaltar a seleção dos vocábulos, em especial verbos e substantivos, responsáveis pela economia dos meios estilísticos.

Tal característica recorre, sistemática e acentuadamente, nos três livros reunidos. Ou melhor, nos três longos poemas que os compõem. Poemas que podem ser tidos como típicos “macrotextos”, definidos por Maria Corti, citada por Vitor Manuel de Aguiar e Silva, em sua *Teoria da literatura*, como uma combinação de componentes temáticos e/ou formais “que se atualizam na organização de todos os textos e produz a unidade” do conjunto, ou, quando nesta se opera “uma progressão do discurso que faz com que cada texto não possa estar senão no lugar em que se encontra”.

O macrotexto pressupõe, por conseguinte, uma rigorosa unidade entre fundo e forma, entre expressão e conteúdo, o que me leva a ver, nos três títulos de Gemy Cândido, um paradigma desta categoria estética. À forma modelada dos seus versos, atentas ao ingrediente morfológico e essencial da linguagem, corresponde um conteúdo impregnado pelos motivos fortes e permanentes da alta tradição poética.

Podemos ler *Diluída forma*, *Sementes de aração* e *Dunas de cristal*,

cada poema em sua especificidade expressiva, como longas e densas meditações sobre o tempo, a infância, a palavra, a velhice, a solidão, a morte e outros tópicos seminais do lirismo filosófico e elegíaco.

Veja-se esta breve passagem de *Diluída forma*:

*Dentro de mim existe,
presa
A solidão aquática,
acesa,
De uma miragem equi-
distante.*

Ou estas três estrofes do momento XXXV, de *Sementes de araquá*:

*Em mim estais
como corpo unido
de nascente engenho*

*Purificado seio
onde se bebe
o mel do sonho*

*Como outrora
o espelho ganho.*

Assim como estas passagens, colhidas ao acaso, de *Dunas de cristal*:

*A perturbada forma
da erodida lágrima
evoca a cantilena da alma
(...)*

*Na noite que estremece
seus conciliábulo finais
(...)*

*Que a vida em mim
além da morte
é de ninguém
(...)*

*O abismo que me espera
a morte segue
flores amarelas.*

O tom da voz poética é reflexivo, e a perspectiva se alarga por uma visão melancólica diante das solicitações existenciais, o que torna a poesia de Gemy Cândido um árduo e intenso exercício mental. Uma poesia que sente, porém, sobretudo, uma poesia que pensa.

Decerto não poderia deixar de ser assim. Além do contato íntimo com a matéria da poesia e do domínio de saberes variados no campo da estética e da literatura, Gemy Cândido parece ter escrito seus versos em plena fase de maturação vivencial, já senhor de sua técnica e detentor de uma visão de mundo despida dos falsos valores de uma sociedade pragmática e consumista.

Sua poesia, portanto, passa ao largo dos modismos e não se deixa seduzir pelo canto de se-reia de experimentalismos formais nem tampouco pelas motivações provocantes de certas vertentes poéticas agressivas, quer em âmbito ideológico, quer em âmbito comportamental. Ao contrário, centrada numa tradição que respeita o verso, no mais das vezes contido e cadenciado, sua poesia trai um compromisso com os temas permanentes e com a qualidade da palavra dotada de espessura estética.

À linhagem de um lirismo filosófico, às vezes com tonalidades telúricas, às vezes pontuado pelo calor subjetivo da memória, aqui e ali, elegíaco e sentimental, associa-se a consciência crítica face às ferramentas técnicas e retóricas necessárias à elaboração do discurso poético.

Entre surpreso e gratificado, vejo, assim, em Gemy Cândido, um autêntico poeta. Se, nesta dimensão particular, não se integrou a grupos ou movimentos, como a Geração 59, o Sanhauá e o Caravela, preferindo o silêncio, o anonimato e o ineditismo, participa agora, com essa louvável publicação, da seleta galeria dos poetas contemporâneos da Paraíba, inserindo-se, assim, numa esfera geracional a que pertencem, entre outros, um Vanildo Brito, um Jomar Moraes Souto, um Otávio Sitônio Pinto, um Eulajose Dias de Araújo, um Marcos Tavares e um Sérgio de Castro Pinto.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor diversas obras no campo da poesia, crítica, crônica e ensaio. Mora em João Pessoa (PB).

Foto: Fundação Maria Corti/Reprodução



Poemas podem ser tidos como "macrotextos", definidos por Maria Corti como uma combinação de componentes temáticos e/ou formais "que se atualizam na organização de todos os textos e produz a unidade" do conjunto





Jon Moreira
moreira_jon@hotmail.com



Asa da Palavra

As ficções do Nordeste de Juliana Linhares



Foto: Clarice Lissovsky/Divulgação

Reflexão sobre as “ficções” dos Nordeste que o disco de Linhares traz não desconsidera ou nega a beleza dessas tradições: a semente do forró, por exemplo, comparece no álbum em mais de uma faixa

O cantor e compositor paraibano Totonho costuma dizer que “tradição é o que segue”. Essa síntese guarda uma visão profunda sobre os diversos legados da música do nosso lugar. O que fica trancafiado no passado morre; a cultura popular pulsa, está viva, movente, reinventando-se. A cantora Juliana Linhares parece percorrer esse mesmo caminho em seu primeiro disco solo, lançado em 2021.

Nordeste ficção é um álbum que reflete sobre as diversas identidades nordestinas, questionando os estereótipos, os lugares-comuns, os discursos vendáveis sobre nossa cultura. Já em “Bombinha” (Carlos Posada), primeira faixa do disco, Juliana anuncia: “Eu quero é cantar para os meus” e ainda: “Não quero ir pra marte / quero ir pro Ceará”. Nessa música, o maracatu se mistura com o rock, dando uma espessura enérgica à canção de abertura. A faixa-título, parceria da autora com Rafael Barbosa, lança a metáfora dessa pessoa-cacto para discutir uma imagem reducionista e utilitária, que é disseminada nacionalmente e busca enquadrar, simplificar uma realidade tão múltipla quanto a do Nordeste.

Entretanto, a reflexão sobre as ficções dos Nordeste que o disco traz não desconsidera ou nega a beleza dessas tradições. Pelo contrário, a semente do forró comparece no álbum em mais de uma faixa, inclusive na interpretação primorosa que Juliana faz de “Tareco e Mariola”, de Petrúcio Amorim. Aparece ainda na versão de “Bolero de Isabel”, canção de Jessier Quirino em que a subjetividade dos apaixonados invade a tela pintada com imagens interioranas. Os versos dessa canção feita para os olhos ganham relevo na voz da intérprete. Aliás, esse é um ponto que merece destaque nesse disco, a força de Juliana Linhares como intérprete, ora de suas próprias composições, ora de outros autores.

No dizer de Luiz Tatit, há uma voz que fala dentro da voz que canta. Ou seja, as melodias do canto popular se baseiam, em alguma medida, nas entoações da fala cotidiana. Cantar é também dizer algo de um jeito especial. Nesse ponto, Juliana mostra seu talento, colocando o domínio da técnica a serviço da interpretação das canções. Ela canta com uma singular atenção aos sentidos da letra, fazendo-se compreender com

“Nordeste ficção” é um álbum que reflete sobre as diversas identidades da região, questionando os estereótipos, os lugares-comuns, os discursos vendáveis sobre nossa cultura

clareza pelo público. A artista não prescinde de cantar como quem conversa, quem mastiga o significado das palavras. Juliana seduz o ouvinte pelo inteligível.

Um outro aspecto do disco que merece destaque são as sete faixas assinadas pela potiguar como compositora. Linhares revela seu potencial como “cantautora” nas canções “Balanceiro, Meu amor afinal de contas” —

tema. Nesse sentido, Juliana entrega as muitas faces desse sentimento em seus versos com a novidade de sua dicção. Comparece no descompasso de uma “amante de britadeira”, na “gastura desse seu redemoinho”, em “Embrulho”. Ou no mergulho de quem caiu pensando que ainda voava, no tempo suspenso de “Armadi-lha”. Há também o amor que clama pelo corpo, pelo encontro, pela rua; um amor que é celebração da vida. Com a

entendimento mais amplo para o seu desfecho com a faixa “Frivião”. Essa é uma música vigorosa que mistura o frevo com elementos do rock, lembrando as canções de Elba Ramalho e Alceu Valença. A letra faz referência a “uma pessoa nefasta”, venenosa, cascavel, que, além de recuperar a canção de Gil, aponta para todos os responsáveis pelo genocídio de 700 mil brasileiros, particularizando-se na malfadada figura do ex-presidente Jair Bolsonaro. Essa música é uma convocação à festa, relembrando a todos que “a felicidade é uma arma quente”. Um trecho de sua letra diz:

Vem me atacar
Que quando eu canto mi-
lhões se juntam pra cantar
Vem se assumir
Que eu canto de peito aberto,
que é certo, esse mal vai sumir
Vem me abraçar, vem se
amar, sacudir, vem dançar
Vem falar, se esfregar, se per-
der, libertar
Em toda forma de amor há
motivo pra gente lutar
O coração na canção grita
que assim não dá não
Tradição, mutação, vida e
evolução
O frivião que não deixa se
aquietar

Mesmo passada a pandemia e o governo de extrema-direita, o convite político para a festa, para a ocupação das ruas, para a felicidade como elemento importante na luta e na resistência popular permanece como necessário e bem-vindo. As ruas são dos milhões que se unem no Carnaval e nas lutas

sociais. O frivião que não deixa sossegar é o motor da arte e da disputa por um mundo mais igual.

Nordeste ficção é um disco que mergulha em um imaginário no qual navegam Amelinha, Elba Ramalho, Alceu Valença, Ednardo, Cátia de França, Elomar e Chico César, entre tantos outros que construíram e foram construídos pelas “ficções da verdade”.

Esse álbum merece a nossa escuta mais atenta, pois projeta uma artista que reflete sobre seu lugar, nos diversos sentidos, sobre as várias tradições que se entrecruzam na nossa música e sobre seu papel social enquanto “cantautora”.

Juliana Linhares aponta como um dos grandes nomes de sua geração, entre outros motivos porque sabe

acolher as suas heranças enquanto traça os seus novos caminhos.

Jon Moreira, natural de João Pessoa, é escritor, professor e doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 2015, publicou o livro de poemas ‘Anjo Diluído’, pela editora Patuá. É pesquisador nas áreas de literatura e canção.



Imagem: Clarice Lissovsky e Ara Teles/Divulgação

com participação de Zeca Baleiro no vocal —, “Embrulho”, “Lambada da lambida”, “Armadi-lha” e “Frivião”, além da faixa-título. Nessas músicas, destaque a recorrência da temática amorosa. O amor é um dos conteúdos mais antigos e presentes em todas as artes, e, por isso mesmo, exige dos artistas uma grande força inventiva para trazer algum frescor ao

farta utilização da percussão, dos sopros e com a presença de um coro feminino, “Lambada da lambida” festeja o amor entre as mulheres, a beleza de um sentimento que “é reza que tudo salva”.

Por fim, vale mencionar que esse disco foi produzido e lançado durante a pandemia da Covid-19, dado que traz um

Parceria da autora com Rafael Barbosa, a faixa-título lança a metáfora da pessoa-cacto para discutir uma imagem reducionista e utilitária, que é disseminada nacionalmente e busca enquadrar, simplificar uma realidade tão múltipla quanto a do Nordeste



Foto: Clarice Lissovsky/Divulgação



Matheus dos Reis

Matheus dos Reis

Especial para o Correio das Artes

Minha relação com o mar teve início na infância. Como meus pais são cariocas, a praia sempre fez parte da rotina da família. Todos os finais de semana nós íamos à praia pela manhã e retornávamos, muitas vezes, apenas no fim da tarde.

A minha ligação com o surfe também se estabeleceu nesse período. Meu pai foi

proprietário, por muitos anos, de uma *surfshop*, chamada Kilauwea, comercializando desde parafina e raspadores até roupas e relógios. Nesse ambiente, eu passava horas assistindo aos filmes de surfe produzidos pelas marcas e acompanhando os campeonatos que ele ajudava a organizar no Mar do Macaco, em João Pessoa.

Os registros fotográficos presentes neste ensaio representam a união entre a nostalgia da infância e a experiência adquirida ao longo dos anos. Aquela primeira percepção da praia e do surfe, hoje, se soma às vivências da vida adulta, incluindo viagens, contato direto com surfistas e *surftrips* dedicadas à fotografia.















Matheus dos Reis nasceu no Rio de Janeiro (RJ) e foi criado desde os dois anos de idade em João Pessoa (PB). Ele é formado em Design Gráfico pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e atua na fotografia há mais de 10 anos.

**Santa**

Prostrado aos pés descascados,
olhos oxigenados
projétil pólvora detonado,
tecido perfurado

Ossos triturados
encham o pulmão,
alvéolos de soluço;
escorregam nas artérias,
fios de alta tensão;
entulham as vísceras,
dobradiças de cóleras.

Houve um tiro no meio da fé.

Cuspo no chão,
cola de sede;
balbucio sangue,
palavra-espumante.

Olho os olhos da santa,
lâminas lapidadas;
olhos meus de amenta,
dores esfoladas.

Um olhar de compreensão
a rutilar remissão;
o outro pó de argila
a descascar as pupilas.

Fábrica

A sirene da fábrica
fabrica dor em horários,
alargada desde a madrugada
nos trilhos que cortam
cidades-fantasma dos salários.

E a fábrica que apita
aperta o tempo em metades,
almoços em desafios,
em corpos em membros em tronco
em nada.

E a fábrica apita
no relógio que mal dormiu,
desperta o trabalhador
antes que o sol desperte
o suor da dor
pelo vil metal.

Ilha

Tanto mar,
Tanto mar,
Tanto mar.

Onda na pedra. Onda na pedra. Onda na pedra...
Mar Tina na marola do meu amor
e como onda o usurpa do meu desejo.
Foi-se como poema
e eu ilha.

Parir

Invisíveis,
me olham.
Querem ser paridas.
A tinta...
pedinte de engenho
os versos,
reversos
exauridos.
Na rigidez dos dedos,
a má criação
estende a madrugada,
a dentro
o sol desvirgina as palavras
o poeta adormece
e aborta o poema.

Rony Santos é poeta e professor de língua portuguesa e literatura brasileira, Doutor e Mestre em Linguística pela UFPB. Autor dos livros de poesias '(Re)verso da palavra' (Arribaça, 2023) e 'Depois da folha' (Arribaça, 2025). Tem participações em várias coletâneas de diferentes selos, com poesias e contos.





João Batista de Brito
brito.joaobatista@gmail.com

Imagens amadas

centenário

Há 100 anos, em 21 de dezembro de 1925, acontecia em Moscou um evento extraordinário: no Teatro Bolshoi era lançado um filme estranho, que daria o que falar a soviéticos e estrangeiros por muito tempo.

Em linguagem revolucionária, se mostravam, em 1.300 surpreendentes planos de uma força descritiva impressionante, em ritmo nunca visto, episódios da Insurreição russa de 1905. Tratava-se de *O encouraçado Potemkin* (*Bronenosets Potyomkin*), de Sergei Eisenstein.

Na verdade, o projeto do filme fora encomendado ao

jovem Eisenstein (então com 28 anos de idade) como parte da celebração comemorativa dos 20 anos da insurreição de 1905. Assim, ele e a escritora Nina Agadzhanova, ela própria uma insurreta, arregaçaram as mangas na elaboração de um quilométrico roteiro, que abarcava todos os aspectos possíveis da referida insurreição.

Um belo dia, atrapalhado ao meio de tantas páginas e vendo o tempo passar, Eisenstein teve uma brilhante inspiração: ao invés de reconstituir a insurreição como estava no projeto inteiro, se centraria num único episódio que de-

Fotos: Reprodução/Mosfilm



Potemkin



Nesta página e na anterior: o massacre na escadaria de Odessa, uma das cenas mais famosas do longa-metragem soviético e, possivelmente, a sequência cinematográfica individual mais citada em toda a história da Sétima Arte



Imagem: Reprodução/Mosfilm

Um dos cartazes originais do filme, retratando o motim dos marinheiros no navio Potemkin, ocorrida em 1905, duas décadas antes do lançamento da dramatização

veria funcionar como uma metonímia do todo, no caso, equivalente a uma única página do roteiro escrito pela equipe. O episódio era o motim dos marinheiros no navio Potemkin e o apoio recebido por parte da população de Odessa.

Mas Eisenstein não fez só isso. Como se sabe hoje, em favor de efeitos de ordem estética, descartou a fidelidade à História e inventou “inciden-

tes” que por muito tempo passaram por verdades históricas. A sequência da escadaria de Odessa (possivelmente, a sequência cinematográfica individual mais citada em toda a história da Sétima Arte) é um exemplo que vem ao caso, mas há um número enorme de outros.

Conta-se que quando o filme estreou em Moscou alguns dos marinheiros que haviam estado no Potemkin

foram convidados. Maldosa como sempre, a imprensa procurou esses marinheiros, depois da exibição, para checar a veracidade dos fatos descritos na película. Por exemplo, para conseguir a devida sensação de opressão Eisenstein havia baixado o teto cenográfico do porão do navio, forçando os seus atores a caminhar curvados. Pois indagados sobre isso, os marinheiros teriam respondido confirmativamente que “era assim mesmo, que viviam com as costas doídas de andar curvados”. Bem entendido, não é que os marinheiros russos fossem mentirosos: é que a força expressiva do filme se mostrava capaz de convencer até os envolvidos na história.

Por trás dessa força, além do talento óbvio do seu autor, havia uma teoria: Eisenstein tentava o milagre de fazer vanguarda com base no materialismo científico de Karl Marx, e sua concepção de cinema girava em torno da famosa tríade dialética: se pensado micro-estruturalmente, o filme era um processo composto de (1) um plano-tese, (2) um plano-antítese e (3) uma síntese, que, esta, deveria ocorrer na cabeça do espectador. Se o plano-tese (uma imagem narrativa) fazia parte da estória do filme, o plano-antítese (uma imagem metafórica), não. Conforme se percebe, esse é o processo que constrói o discurso poético, e não o narrativo, que o cinema tradicional consagraria.

Reverendo-se hoje *O encouraçado Potemkin*, é possível perceber até onde esse esquema funcionou. Naturalmente essa proposta de “cinema poético” só poderia ser viável em filmes curtos, como um poema, e se revelava de di-

fícil sustentação nos setenta e cinco minutos da projeção. O que se observa facilmente é que, muito mais genial que a proposta, foi o talento criador do cineasta, que ironicamente driblou duas coisas, a reprodução verídica e os esquemas teóricos, para engendrar uma grande sinfonia visual, monumental, desconcertante ou instigadora, mas sempre e ainda hoje arrebatadora e impactante, aliás, eleita pela crítica internacional, desde 1948, “o mais belo filme do mundo”.

Como esperado, logo após a estreia Eisenstein começou a ter problemas com a censura soviética de Stalin: o filme foi remontando pela tesoura comunista e o que o mundo inteiro ficou conhecendo a partir daí, e até hoje, não corresponde ao original.

Outro problema tem sido, ao longo das décadas e no mundo inteiro, a recepção a *Potemkin*. Com certeza a revisão sistemática de sua fortuna crítica vai revelar percalços. A sua leitura estritamente ideológica é um deles. A depender da posição do receptor (esquerda, direita etc.), ele já foi elogiado ou detratado por motivos equívocos. Hoje em dia, após a derrocada comunista, o perigo dessa leitura equivocada não desaparece, muito pelo contrário.

A propósito de recepção, não resisto em contar um incidente envolvendo a escritora americana Marianne Moore, como se sabe, um nome maior na poesia do nosso século. Na Nova York dos anos quarenta, dois intelectuais típicos descobrem, numa palestra pública, que Moore nunca tinha visto *O encouraçado Potemkin*, fato que os deixa num frisson

incontido, pois essa lacuna cultural, segundo eles, tinha que ser preenchida o quanto antes. Por coincidência, um cinema da cidade está exibindo o filme de Eisenstein e a dupla tem o zelo de convidar Moore a ir a uma sessão com eles, e depois, a um bom restaurante onde possam discutir o filme.

No programa do tal cinema, antes do filme principal, é mostrado um desenho de Pato Donald que faz Moore gargalhar à vontade. Pois durante todo o jantar, Moore fala entusiasticamente de Pato Donald, ou então de outro assunto, e não toca na obra prima do cineasta russo. No fim da noite, os dois intelectuais, desesperados, arriscam timidamente uma pergunta sobre o filme, e ela, enviesada: “Mas a vida não é assim!”. Ora, a poesia da própria Marianne Moore não retrata a vida “assim”, e muito menos os desenhos de Pato Donald, porém, de todo jeito, deixamos o nosso leitor com esse mote para repensar *O encouraçado Potemkin* em seus respeitáveis cem anos de idade.

Por trás dessa força, além do talento óbvio do seu autor, havia uma teoria: Eisenstein tentava o milagre de fazer vanguarda com base no materialismo científico de Karl Marx

Foto: Reprodução/Arquivo James Abbe



Foto: Granger/Historical Picture Archive



Acima, retrato da roteirista de Hollywood, Lucita Squier (E), e da escritora e insurreta Nina Agadzhanova (D), esta última responsável pelo roteiro de “O encouraçado Potemkin”, ao lado do diretor Sergei Eisenstein (abaixo)

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Autor de obras como ‘Imagens Amadas’ (Editora Ateliê, São Paulo, 1995). Mora em João Pessoa (PB).

Memórias de outro cárcere: vidas secas urbanas

Ronaldo Cagiano

Especial para o *Correio das Artes*

Toda poeira da calçada (Pau-
tuá, 2025, 174 páginas) é a
estreia de Ricardo Ramos
Filho no romance, cuja trajetó-
ria de escritor contabiliza vários
títulos no gênero infantojuve-
nil e dois volumes de crônicas,
além de múltiplas atividades de
produtor cultural, ministrando
cursos e oficinas literárias, inte-
grando júris e curadorias de im-
portantes prêmios literários na-
cionais, e ainda a presidência da
União Brasileira de Escritores —
Seção São Paulo (UBE-SP), cuja
profícua gestão vem resgatando
o papel que a instituição teve ao
longo de sua história.

O autor construiu uma narra-
tiva ágil e profunda, consistindo
num testemunho lírico e catárti-

co de um personagem confron-
tado com questões pessoais no
auge da realidade pandêmica
e seus confinamentos. Rodri-
go Ferreira Ferro aposentou-se
como executivo da área de tec-
nologia e finanças e ao experi-
mentar uma nova fase em
sua vida, debate-se com
querelas individuais e
coletivas. Isolado não
apenas pelas circunstân-
cias do vírus, mas também
por estar imerso nas suas
íntimas perplexidades diante
do planeta convulsionado
por um espectro distó-
pico, deambula pelas
ruas de uma metró-
pole apressurada, o
que o transforma num

Em "Toda poeira da calçada", o autor Ricardo Ramos Filho traz um testemunho lírico e catártico de um personagem confrontado com questões pessoais no auge da realidade pandêmica e seus confinamentos



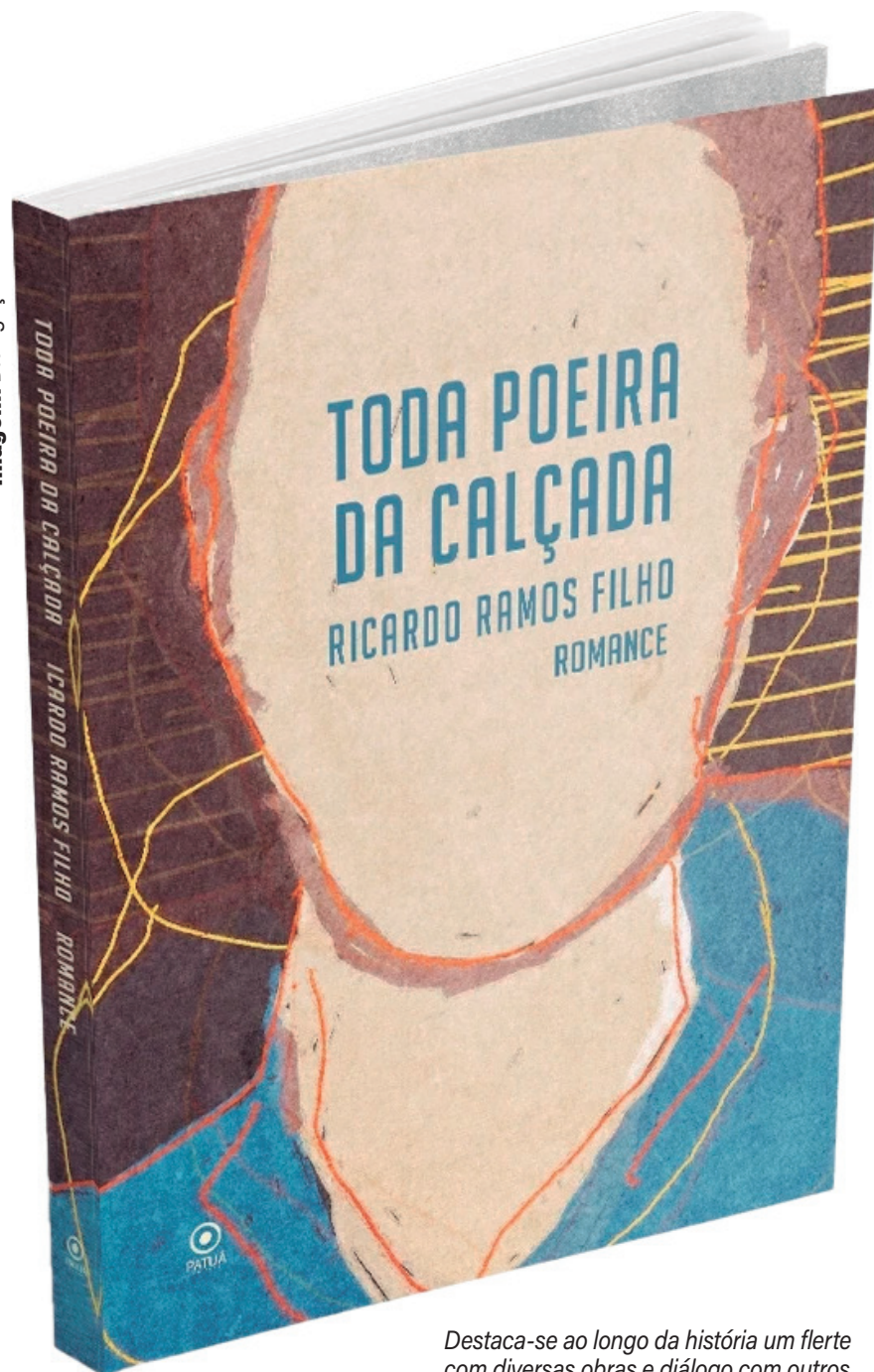
observador agudo do quoti-
diano. Do seu entorno, com
a perspicácia e o tirocínio de
quem retira lições do tempo
que a todos agride, desafia e
sucumbe, vai deslindando, a
partir de suas idiossincrasias
e inquietações, um questiona-
mento do universo dilaceran-
te que encontra pela frente.

Eis uma história-rio, que
carrega outras histórias com
a de um país em sobressalto,
percebendo-se o vezo ana-
lítico de um protagonista
que emula um senso crítico
e também de autoanálise, a
partir das vivências intra
e extra-familiares. Explora
as contradições huma-
nas, as dicotomias sociais,
as fraturas de um país dividido
por forças políticas an-
tagônicas, na linha
de um sopro drum-
mondiano, pois nes-
se relato pungente
emerge um denso e
tenso "sentimento
do mundo".

O pano de fundo
da história é disparado
por um aconteci-
mento que aos olhos
de qualquer transeun-
te poderia parecer ba-
nal, mas para Rodrigo
Ferro é o *leitmotiv* que
desencadeia uma poro-
roca de considerações e in-
quirições sobre a vida,
as relações e o desen-

canto/desencontro com o seu
destino e o do próprio povo,
além de um empenho pessoal
na deflagração de uma carrei-
ra como escritor, num dilema
por ainda não ter alcançado
seu objetivo, escrever um ro-
mance. Esse gatilho ocorre
durante um de seus passeios
pelas cercanias do prédio
onde reside, ao encontrar uma
tela abandonada numa lixei-
ra, provocando no persona-
gem uma procura obsessiva e
labiríntica da autoria da obra.
Enquanto empreende uma
busca frenética para localizar
Ludmila Karpov, que assina o
quadro, é, no entretanto des-
se rastreo, procurando enten-
der não apenas a estética de
uma expressão artística, mas
também suas fragilidades
emocionais e psicológicas,
que Rodrigo vasculha, com
perícia de escafandrista, o seu
interior e discute o valor da
arte num tempo premido por
contendas, dissensões e passi-
vos de toda ordem.

Realidades se cruzam no
percurso de Rodrigo em meio
à tragédia de uma pandemia
que impele a população a um
cárcere urbano, obrigando
cada um a se reinventar em
meio aos vetos e proibições
da crise sanitária que a todos
aparta, todos condenados à
secura de vidas desertificadas
pela insularidade compulsó-
ria, a um agreste existencial.
Nesse cenário, em que as úni-
cas companhias são seus ga-
tos Miau e Beca, intercalam-
-se situações distintas, como
a viagem da mulher Linda à
Finlândia para cuidar do filho
vítima de doença grave, as vi-
sitas à sua terapeuta, o retor-
no à casa da mãe octogenária
durante a ausência da esposa,
os questionamentos em torno
de seu embate contra a tra-
va na escrita do primeiro ro-



Destaca-se ao longo da história um flerte com diversas obras e diálogo com outros autores, numa forte trânsito intertextual com os diversos signos da linguagem

Romance explora as contradições humanas, as dicotomias sociais, as fraturas de um país dividido por forças políticas antagônicas, na linha de um sopro drummondiano

mance e, nesse périplo, passa em revista ao noticiário que dá conta das barbáries de um governo de extrema-direita, compondo, numa sequência de palimpsestos a cartografia de um período extremamente danoso para todos. Desvelam-se memórias, lembranças, referências, pensamentos, alusões a fatos do passado e do presente que, numa simbiótica relação, vão compondo um *pot-pourri* sensorial e reflexivo, sob planos descritivos ou evocativos, ora com o viés do

fluxo de consciência, ora do monólogo interior.

Emprestando ao conjunto narrativo um espelho sincero, entre o ceticismo e a esperança, ao escutinar a sua solidão em meio a uma cidade de contrastes, cujos cenários lhe oferecem matéria e circunstância para um observatório não apenas do cotidiano hostil, mas da própria condição humana, Ferro mergulha nas dores e delícias de ser o que é. Destaca-se ao longo da história um flerte com diversas obras e diálogo com outros autores, numa forte trânsito intertextual com os diversos signos da linguagem, o que define a sutileza e o estilo de um escritor que maneja com habilidade e sem malabarismos verbais, os artefatos da própria criação.

Ricardo Ramos Filho, correspondendo à altura da sua linhagem familiar (neto de Graciliano e filho de Ricardo Ramos), sem dever favor algum à sua ascendência, pois com luz, identidade e dicção singulares, vem impondo-se no cenário da literatura nacional com a força e sua sólida formação e apurada sensibilidade. Ao escarafunchar a angústia e vivência de seu personagem, o autor, numa viagem introspectiva, lutando com palavras sua luta mais sã, afronta a passagem do tempo, a nossa finitude, a imprevisibilidade dos infortúnios, contorna a velhice e despista a chegada da morte. E a própria metáfora contida no título nos remete à sensação de que sob a pátina fuliginosa do tempo está escondida a essência que importa e muitas vezes passa ao largo de nossas sensações e sentimentos, esse o nexo que ele explora com inegável habilidade.

Na contramão do atual estágio da literatura brasileira, sequestrada pelo identitarismo e as militâncias, que colocam as bandeiras na frente da linguagem, em prejuízo do valor intrínseco da arte, oferece um romance sensível, de temática candente e uma prosa concisa e diáfana, que envolve o leitor pela sua carga semântica, com o amálgama de uma escrita poética e ao mesmo tempo irônica, confirmando o que já disse o ensaísta James Wood, em *A matéria da ficção*: “A literatura faz de nós melhores observadores da vida; e permite-nos exercitar o dom da própria vida; que por sua vez nos torna mais atentos ao detalhe na literatura; que por sua vez nos torna mais atentos ao detalhe na vida.

Excerto:

“Competente o bichinho... E quando penso em coisas assim tão assemelhadas à morte, percebo o coração atropelar. É como se ele, devido ao horror, perdesse momentaneamente a noção de seu trabalho. E distraído pela experiência atroz se contrairia em um espasmo fugaz, felizmente antes de recuperar o tamborilar monótono da vida.

No entanto, saio invariavelmente enfermo desta experiência. Não se passa impune por sobressaltos tão amplos. A gente acaba mais próximo da indesejada, ganha intimidade com o finamento. Até por ter sentido o peito doer, a cabeça latejar, imaginar partidas definitivas, a nossa própria. O luto marcando presença. Nunca lastimamos tanto!”

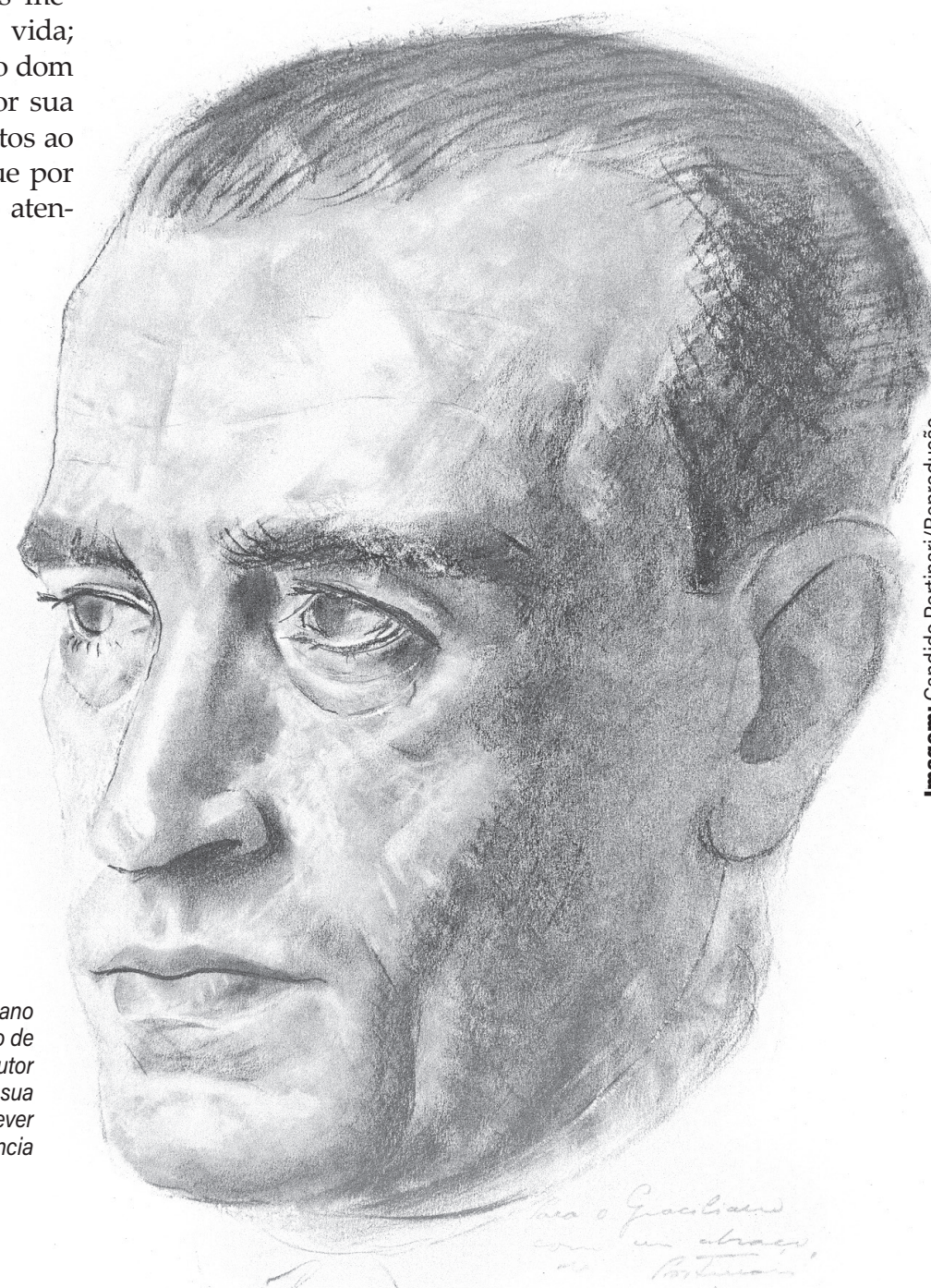


Imagem: Candido Portinari/Reprodução

Sendo neto de Graciliano Ramos (ao lado) e filho de Ricardo Ramos, o autor corresponde à altura da sua linhagem familiar, sem dever favor algum à sua ascendência

Ronaldo Cagiano é um escritor brasileiro, autor, dentre outros, de ‘Eles não moram mais aqui’ (Prêmio Jabuti de Contos 2016). Ele vive em Portugal.



Renálide Carvalho
rcmfabricio@gmail.com



Negros Riscos

Na luta pela vida das mulheres, todas as armas são boas

Nos últimos dias, notícias recorrentes de feminicídios e múltiplas outras formas de violência contra as mulheres vêm escancarando uma realidade que não dá mais para escamotear, por isso, começo a coluna deste mês com um nó na garganta, uma vez que não gostaria de precisar tratar disso. Contudo, meu comprometimento com uma sociedade justa

e minha condição de mulher negra impulsionam-me a falar, sobretudo porque o silêncio, nos casos de violência contra as mulheres, denuncia, em alto e bom som, a convivência do Estado, e da sociedade em geral, com essa triste realidade.

O nosso país tem mostrado sua face misógina e violenta, ratificando as estatísticas em que acumula títulos e ocupa os mais altos lugares quando o assunto é opressão contra as mulheres. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a taxa de feminicídio no Brasil é a quinta maior do mundo, com 4,8 feminicídios para cada 100 mil mulheres, e as mulheres negras são as mais afetadas nesse cenário, tendo em vista que as opressões em nossa sociedade atuam interseccionadas.

Portanto, o racismo, o machismo e as desigualdades sociais, entrelaçados, constituem o braço pesado e cruel que açoita a sociedade brasileira, sobretudo as mulheres, e quando falo mulheres, incluo todas, não só as cisgênero.

Os dados demonstram que o machismo é estrutural e que ele silencia as mulheres em seu protagonismo, viola e, em última instância, mata todas nós. Segundo a pesquisa *Quem são as mulheres que o Brasil não protege?*, apresentada na Câmara dos Deputados em novembro de 2025 — 10 anos depois da promulgação da Lei do Feminicídio —, o registro de casos de morte de mulheres em função do gênero cresceu 176% e do total de mulheres assassinadas nesses 10 anos unicamente por serem mulheres, 68% eram negras. Como se vê, estamos diante de uma epidemia de feminicídios e o estado está longe de agir com eficácia para transformar essa realidade, sobretudo quando diz respeito à aplicação de recursos para o combate às desigualdades de gênero, raça e classe.

Acredito que, além do punitivismo e das ações que cabem ao Legislativo, à Justiça e à segurança pública, há muitas outras frentes que desempenham papéis importantes no enfrentamento a esse estado de coisas. Nesse sentido, penso que a educação, a política e a arte devem confluir para fomentar mudanças estruturais, sobretudo na cultura naturalizada da violência masculina contra as mulheres. Como não concebo estética sem ética, poética sem polí-

tica, nem vislumbro qualquer possibilidade de neutralidade nas linguagens, sejam quais forem, sobretudo as artísticas, acredito que a poesia pode ser arma para unir homens e mulheres, gente jovem e idosa, num grande mutirão em favor do bem viver, da paz e da liberdade para todas as vidas deste universo.

Por isso, trarei aqui o exemplo da poesia marginal, que se conecta com o feminismo desde a década de 1970, rompendo padrões, transgredindo e ecoando vozes silenciadas, como um importante instrumento para gerar reflexão, sensibilização e senso de pertencimento na juventude, sobretudo na juventude negra e periférica, que encontra nas batalhas de rima, nos grupos de *slam*, no *rap* e na cultura *hip-hop* uma luz, um colo, um quilombo. Nesses espaços, encontram-se redes de afeto e solidariedade, uma escola da vida, uma comunidade a qual pertencer e causas pelas quais vale a pena lutar. O poeta curitibano Paulo Leminski já nos alertava, em plena Ditadura Militar, que:

*En la lucha de clases
todas las armas son buenas
piedras
noches
poemas.*

Foto: Arquivo pessoal

Imagem: Arquivo pessoal



Campeã nacional de poesia falada, Djully Bernardo, vulgo Psicopreta (acima), uma das mulheres negras, periféricas, poetisas, ativistas e intelectuais que organizam a Batalha da Ponte (logomarca ao lado), um dos principais palcos de batalhas de rima e da cultura "hip-hop" em João Pessoa

Em diálogo com o escritor, também creio que, na luta em favor da vida das mulheres e de sua dignidade, os poemas são armas, são carabinas apontadas contra o sistema, que podem mobilizar mudanças de mentalidade e de comportamento, alterando toda uma cultura estabelecida. Os poemas podem gerar reflexão, espanto, questionamentos, sensibilizar para as mudanças de atitude, podem inflamar a sociedade e gerar revolta, mobilizar as reivindicações de direitos, destruir cercas e chegar em locais que, muitas vezes, a educação formal e as políticas públicas do estado não chegam. Por isso, são tão importantes quanto os estudos acadêmicos, as estatísticas, os movimentos sociais, as mudanças nas leis e os protestos.

Há poemas que salvam e transformam vidas, por isso, em meio a essa dor coletiva, venho reverenciar e referenciar a atuação lítero-política, poética e pedagógica das poetisas marginais Djully Bernardo, vulgo Psicopreta, Sofia Isbelo, vulgo Dorim e Hirllaice Pereira, vulgo MC'Hirlla. Há pouco tempo, tive a honra de assistir a uma apresentação artística dessas poetisas marginais no festival de vivências afro-brasileiras, promovido pela Casa de Cultura Ilê Asé D'Osoquiã, na Escola Celestin Malzac, no Valentina Figueiredo. Elas são mulheres negras, periféricas, poetisas, ativistas e intelectuais que organizam a Batalha da Ponte, um dos principais palcos de batalhas de rima e da cultura *hip-hop* em João Pessoa, que reúne modalidades artísticas plurais.

O projeto possui uma biblioteca comunitária móvel que acompanha todas as suas

**Anarcofeminista
Hirllaice Pereira, vulgo
MC'Hirlla, representa
as mulheres e as
pessoas LGBTQAP+
no "hip-hop", lutando
contra o preconceito
e batalhando pela
igualdade social e
de gênero**



Foto: Arquivo pessoal

edições, oportunizando o acesso à leitura e integrando literatura à cultura urbana. O coletivo é formado, majoritariamente, por pessoas de gênero e raça dissidentes — mulheres negras, pessoas trans e não binárias — em sua maioria residentes na própria região do Paratibe, onde as atividades são realizadas. Essa composição garante que o projeto seja construído pela e para a comunidade, fortalecendo vínculos territoriais e promovendo representatividade. A iniciativa ainda atua junto às crianças da comunidade, fortalecendo a educação de base, como nos falou Djully Bernardo, a Psicopreta.

Elas utilizam a força do verbo para fazerem críticas sociais, falarem da resistência e da beleza, da potência de ser mulher negra e periférica. Seus poemas ecoam vozes silenciadas, desnudam violências, denunciam o horror, provocam reflexão crítica, mas também sensibilizam, humanizam e apontam perspectivas de transformação social. São flechas certeiras, faróis que iluminam os caminhos para a unidade das batalhas daquelas(es) a quem o Estado quer massacrar. Seus versos são sementes que florescem em solo, muitas vezes árido, e geram frutos de revolução. Sua arte reverbera, amplifica e chama ao protagonismo vidas violadas pelas muitas opressões, sobretudo as raciais, de classe e de gênero. Quem as lê ou escuta, vê-se diante de armas poderosas para uma militância que luta por liberdade, ao mesmo tempo que encanta.

Ainda tomada pela força da mensagem que suas rimas, gestos e sons disseminam, deixa às(aos) leitoras(es) trechos de seus poemas, com um profun-

do desejo de que também sejam contagiadas(os) pela sede ancestral de respeito, justiça, paz e equidade.

*Em todo 8 de março
Nos dão parabéns mas não
veem nosso cansaço
Não veem que minhas irmãs
carregam esse país nos braços
Constroem pontes todo dia
mesmo estando em pedaços
Não quero tuas flores
Não quero tua homenagem
Quero viver sem dores
Passo livre nas viagens
Poder andar sem medo que
a rua também é nossa
Expor nossa opinião
Sem ser taxada de grossa*

(...)

*JUSTIÇA p nós nunca
existiu e por isso faço Direito
P defender minhas meninas
esquecidas pelo estado
Lutando sem descanso pelo
fim do patriarcado
Nós não suportamos mais
nossos corpos violados
P destruir nossa vida esse
sistema foi forjado*

Djully Bernardo (vulgo Psicopreta) — é mulher preta, periférica, pansexual e de matriz africana. Poeta marginal e ativista cultural do *hip-hop* na Paraíba. Campeã nacional de poesia falada pela Central de Slam, levou a Paraíba para semifinal do Slam BR, em 2020, e para a final do concurso nacional de poesia falada Tâmaras. Participou de antologias como *As minas do Slam* e *Juventude nas Letras*, e é autora do livro *Kanoni*. Também é antiproibicionista, recém-aprovada na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e militante pelos Direitos Humanos.

Marielle Presente

*Preta a sua luta continua
A favela tá aqui e os pro-
testos*

*Estão nas ruas
Nas ruas lutando por direito
Resistindo até o fim
Pra matar o preconceito
Hoje até as flores choram
por vc*

*Mais uma preta assassi-
nada*

*Vejo o sangue escorrer
Mais uma arma engati-
lhada*

(...)

Quebrando estatística

Mudando paradigmas

*Não terá mais corpo preto
pra testar balística*

*Não terá mais corpo preto
pra testar balística*

*Não terá mais corpo preto
pra testar balística*

*Agora é fogo nos racistas
Não terá mais corpo preto
pra testar balística*

*Não terá mais corpo preto
pra testar balística*

*Não terá mais corpo preto
pra testar balística*

*Agora é fogo nos racistas
Comecei mandar um Rap
pra alertar minha perifa,*

*Semente de Marielle mu-
lher Preta na Ativa.*

(...)

Hirllaice Pereira (vulgo MC'Hirlla) — é poeta preta, mãe, periférica, de matriz africana, bissexual, gorda, MC do rap PB, poeta marginal, anarco-feminista. Luta contra todo tipo de preconceito e pela igualdade social e de gênero. Representa as mulheres e as pessoas LGB-TQAP+ no movimento hip-hop. Fazendo Arte nas Ruas contra o sistema patriarcal e contra os padrões que a sociedade insiste em nos enquadrar.

Sofia Isbelo, vulgo Dorim, é uma mulher negra, poeta marginal e organizada no Levante Popular da Juventude e na Batalha da Ponte

poema para quem vem: o que queremos para nossas mulheres

*dandara terá
coração tambor
e pernas de ciranda
dandara será
mulher ativa
de nariz empinado
honrando ancestralidade
de seu sangue herdado
dandara terá
olhos-corção
de sabedoria
de antepassados
passados
pela mãe
da mãe
da mãe*

Sofia Isbelo (vulgo Dorim)

— é uma mulher negra, poeta marginal. Organizada no Levante Popular da Juventude e na Batalha da Ponte, mestrande no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC-UFPB) e agente territorial do Ministério da Igualdade Racial (MIR).

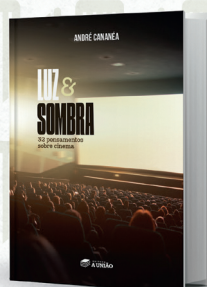
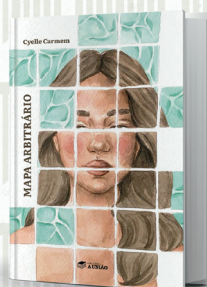
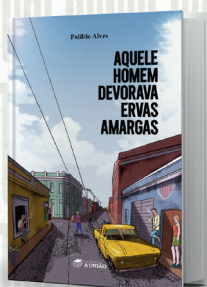
Renálide Carvalho, natural de Jacaraú (PB), é escritora, atriz e educadora negra, feminista, militante dos movimentos sociais e da negritude.



Foto: Arquivo pessoal

Livros, o melhor presente de natal.

Sugestões da Livraria A União
para presentear quem você mais ama :





A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac